



CRÔNICAS

Cheguei nesta cidade fazem 5 dias e estou partindo amanhã. Minha localização é um bairro da Zona Sul e estou no apartamento de um amigo que resolveu fazer uma reunião informal de última hora com colegas da faculdade e, como eu estava por perto, despretensiosamente, resolvi ir.

Coloquei uma roupa leve por conta do calor, pedi um Uber e cheguei por volta das 23:30. Avistei embaixo do prédio um bar aberto e resolvi comprar alguma coisa para levar. Subi, entrei, cumprimentei todos e rapidamente comecei a conversar, em poucos instantes minha cabeça só ouvia o típico sotaque carioca do “s” bem marcado. Algumas pessoas se incomodam, mas não é meu caso. Confesso que até tentava dar uma puxada mais forte no “s” para não parecer que sou de fora, mas, se deu certo, isso é uma coisa que provavelmente nunca saberei.

A conversa estava boa, era uma noite agradável e haviam pessoas em todos os cantos do apartamento. Eu preferi ficar na sacada, pois a brisa que vem do mar, especialmente para pessoas que não moram no litoral, tem um aroma muito agradável.

Por alguma razão comecei a olhar as luzes lá do alto do prédio. Gostei tanto da vista e daquele momento que resolvi me entregar a ele. Debrucei-me contra o parapeito da sacada da sala, que é de frente para a praia, e só conseguia enxergar o que os postes de luz permitiam. Minha visão da orla era limitada, mas isso não foi suficiente para me ater e fiquei me indagando sobre a razão pela qual eu tenho um sentimento de pertencimento tão grande a este lugar. São poucos os lugares que exercem esse poder sobre o meu eu de maneira tão “overwhelming”.

Vasculhei dentro de mim por respostas e tudo que achei foram momentos. Momentos peculiares meus, vivenciando e experimentando cada esquina da cidade. Percebi que caminhar por estas ruas cariocas é prazeroso pelo fato do comércio ser sempre convidativo e, ao menos na Zona Sul, as grades dos prédios não são exageradamente grandes como em Brasília, mesmo nos bairros mais elitizados.

Cada esquina possui um aroma próprio.

O bairro de Santa Teresa tem cheiro de comida sendo preparada, já a Rua Nossa Senhora de Copacabana, tem cheiro de água do mar. O centro do Rio tem cheiro de antiguidade, mesmo que existam muitos prédios modernos por lá.

A arquitetura no Rio tem muito mais diversidade do que de onde eu venho. O antigo marca sua imponência clássica de um passado glorioso enquanto o novo tenta, por sua vez, se firmar em meio aos museus, bibliotecas e igrejas do século passado. Brasília possui seu modernismo, que é fantástico, mas desde pequeno preferi e ainda prefiro a beleza de um prédio como o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o CCB ou o Parque Lage. Quem me conhece a fundo sabe que sempre digo que nasci no século errado.



Fig 31 - Foto panorâmica da praia de Copacabana vista do Leme.



Fig 32 - Sala de espetáculos do Theatro Municipal.

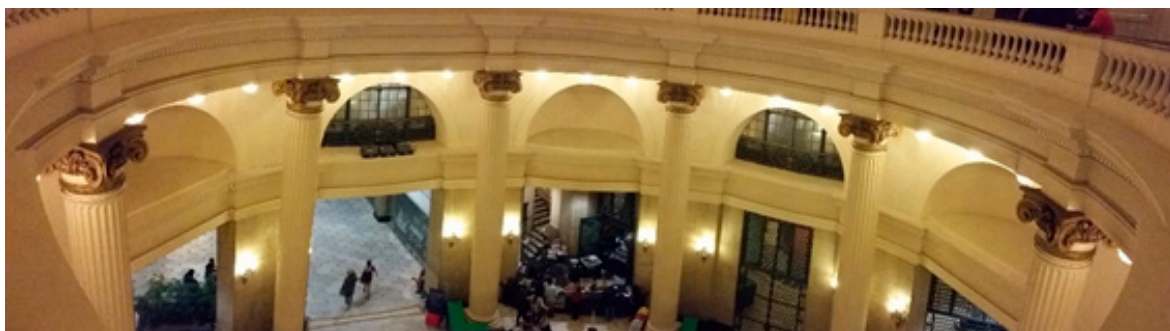


Fig 33 - Panorâmica do CCBB do segundo andar olhando para o saguão de entrada



Comecei a me lembrar das vezes que me interessei em saber mais sobre o processo de favelização do Rio e que até cheguei a abrir o Google e clicar em um ou dois links, mas não li nada a fundo. Lembrei também de como a mídia crucifica sempre o Rio e seus problemas. Logicamente, existem aqui problemas que talvez em outras cidades não sejam tão acentuados, mas dias ruins todos temos de vez em quando.

Falando em mídia, acho que ela deve amar esta cidade, assim como eu. Tem um ditado que diz: “quando a gente ama, a gente critica”. Talvez seja essa a explicação para tanta matéria sensacionalista por aí.

Aqui é cidade, é praia, é cartão postal, é Olimpíada, é favela, é música, é paisagem, é comida... E tudo isso divide espaço com uma das maravilhas do mundo que fica sempre de braços abertos para quem chega. É um enorme conglomerado de pessoas e culturas a céu aberto, é abrigo para tantos talentos anônimos que diariamente batalham pelo reconhecimento, é berço de decisões importantes que afetam todo o país e é palco das produções de cinema e teatro mais premiadas e respeitadas.

Podem falar bem, falar mal, eu não me importo, só sei de uma coisa: obrigado Deus, estou no Rio e isso me basta.



Fig 35 - Escadaria de entrada da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.